

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
24 de Outubro de 2024  
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

## HURBANISTORIAS (SIC) / 1985

*Um filme de Paul Leduc*

Realização e Argumento: Paul Leduc / Com: Rodrigo González, dito “Rockdrigo”.

Produção: Televisão Mexicana / Cópia digital, colorida, falada em espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 30 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

-----

Em **Hurbanistórias**, Paul Leduc filma um “meteorito” da música popular mexicana nos 80, Rodrigo González, artisticamente conhecido como Rockdrigo. O “Bob Dylan mexicano”, como diziam muitos e se ouve dizer da boca da locutora da estação de rádio nas primeiras cenas. Depois, é um conjunto de “canções filmadas”, actuações de Rockdrigo especialmente preparadas e encenadas para a câmara de Leduc, em cenários diversos – particularmente impressionante, e também simbolicamente significativo, aquele em que o músico canta e toca mergulhado no trânsito intenso de uma avenida (uma maneira de exprimir a ligação entre a música de Rockdrigo e o quotidiano vivido por milhões de mexicanos). O disco *Hurbanistórias*, de onde são as canções escutadas no filme, foi o único gravado pelo músico. É que esta história tem um “twist” trágico: poucos meses depois da gravação destas imagens, Rockdrigo morreu, com 34 anos, no grande terramoto da Cidade do México de Setembro de 1985, quando o prédio em que vivia desabou.

Luís Miguel Oliveira

## CÓMO VES? / 1986

*Um filme de Paul Leduc*

Argumento: Paul Leduc e José Joaquín Blanco, a partir de textos de José Agustín, Manuel Altamira, Arlés, Margarito Mendoza, Luis Arturo Ramos, José Revueltas, Antonio Saborit e Pascual Salanueva / *Imagem (35 mm, cor)*: Toni Kuhn / *Música*: El Tri, Rockdrigo, Jaime López, Son de Merengue, Cecilia Toussaint / *Direção artística*: Claudia Fernández / *Montagem*: Rafael Castañedo / *Som*: Carlos Aguilar / *Interpretação*: Roberto Sosa (*o rapaz*), Blanca Guerra (*a peixeira*), Ana Ofelia Murguía (*a mãe*), Eduardo López Rojas (*o polícia*), José Rodríguez “Rolo” e Alejandro Trejo (*os dois homens que se abrigam da chuva nos tubos de esgoto*) e as presenças de Cecilia Toussaint, Alex Lora, Rockdrigo, Javier Pérez Fons, Javier Torres Zaragoza, Ana Pérez Murguía, Eduardo López Rojas, El Tri, Tito Vasconcelos, Son de Merengue, habitantes de Las Torres e outros.

Produção: CREA - Consejo Nacional para la Atención de la Juventud (Cidade do México); distribuída por Zafra Filmes / *Cópia*: digital (transcrita do original em película), versão original com legendas em português / *Duração*: 75 minutos / *Estreia mundial*: Cidade do México, 1 de Agosto de 1986 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

-----

Realizado a seguir a **Frida, Natureza Viva**, que foi o maior êxito da carreira de Paul Leduc, **Cómo Ves?** é um filme que conheceu muitos percalços durante a rodagem e

depois do seu lançamento. A rotação foi interrompida diversas vezes devido a cortes financeiros e chegou ao fim na sequência do violentíssimo terramoto que abalou a Cidade do México e os seus arredores em Setembro de 1985. Distribuído um ano depois, o filme foi mal recebido pela crítica e apenas razoavelmente pelo público e houve inclusive uma polémica sobre o facto de ser um falso documentário, já que o realizador utiliza alguns atores em meio a habitantes das periferias pobres da capital. Esta polémica denota provincianismo ou má-fé, pois trata-se, evidentemente, como declarou o realizador, de *“uma ficção com muito de documental”*, o que era uma das características do seu cinema antes da realização de **Cómo ves?**. Realizado por ocasião do Ano da Juventude, o filme foi produzido por um organismo de Estado, o Conselho Nacional para a Atenção da Juventude e foi distribuído por uma empresa privada, a Zafra Filmes que numa entrevista de 1997 Leduc definiria como *“uma produtora e distribuidora independente, que atua na área do filme cultural. Mas nem sempre os custos de produção e distribuição são cobertos. O que a Zafra tem de original é que une forças para tentar abrir brechas no mercado mexicano e internacional para o filme independente”*. Ao declarar que nem sempre os custos de produção e distribuição são cobertos o realizador talvez tenha sido ironicamente eufémico pois quando o filme foi distribuído Leduc, em meio a uma polémica pública com um dos produtores, chegou a anunciar que retiraria o seu nome do genérico devido aos mencionados cortes infligidos ao orçamento que, segundo ele, teriam chegado a oitenta por cento do previsto. Acusado de *“negação de paternidade”* por um crítico, o realizador não retirou a sua assinatura, mas declarou que o filme tinha algo de uma *“tentativa frustrada e temos de assumir este facto”*.

Deliberadamente desprovido de uma trama narrativa contínua e da lógica da causalidade - e nesse aspecto a sua estrutura tem algo de musical - **Cómo ves?** é um filme em que alternam dois blocos paralelos: de um lado uma série de pequenos acontecimentos que desembocam na prisão temporária de diversos personagens e, de outro, trechos de concertos de bandas de rock daquela zona periférica, que não comentam a ação nem são postas em paralelo com a ténue narrativa, nem têm uma função catártica. Neste sentido, o esquema formal do filme tem algumas analogias com o de **One + One**, com a diferença fundamental de que os seus personagens nada têm de abstratos ou conceptuais, são de carne e osso, não discursam, vivem o quotidiano. O filme é sarcasticamente dedicado ao Fundo Monetário Internacional, que transformou os anos 80 num decénio perdido para quase todos os países da América Latina, estrangulados pelo serviço da dívida dos gigantescos empréstimos que tinham contraído de forma irresponsável.

Numa inteligente análise publicada em *Cine Cubano*, Edgar Soberon nota que neste filme Leduc utilizou os mesmos recursos do que em alguns dos seus filmes anteriores: *“de **Frida, Naturaleza Viva** a estrutura livre e sem rigor cronológico, que agrupa diversos episódios da vida de uma pessoa, neste caso um adolescente marginal, um indivíduo tão anónimo (contrariamente à célebre Frida Kahlo) que apesar de estar presente em quase toda a ação, não corresponde ao estereótipo do «protagonista»; de **Etnocidio, notas sobre el Mezquital** Leduc retoma o esquema que consiste em descrever a marginalidade por temas: o habitat, o trabalho, a fome, o amor-desamor, a droga, a violência, a penetração cultural, o machismo, a violência e os divertimentos - festas caseiras, bailes populares, cabarés, o desporto e os concertos de rock, que ocupam um lugar proeminente na narrativa, sem que as diversas intervenções musicais assumam a forma de um documentário paralelo sobre o rock mexicano”*. Sem nada escamotear das realidades sociais que filma, Leduc recusa qualquer tom de denúncia estridente ou de figuração brutal, não envereda nunca pela violência como espetáculo. Pelo contrário, mostra de modo reduzido, de certa forma em surdina aquilo que é potencial ou literalmente explosivo. Desmentindo a impressão de que é uma obra sem estrutura, **Cómo ves?** tem na verdade uma quase clássica estrutura circular, pois

começa e chega ao fim no mesmo espaço e com os mesmos personagens: dois homens que não têm nome, que se abrigam da chuva, de modo significativo, em tubos de esgoto que ainda não foram instalados. São observadores e comentaristas, mas como nota Edgar Soberon *“não sabemos quem observam ou quem eles próprios são: se são mendigos ou trabalhadores, se estavam a caminho de casa ou do trabalho, se observam os passantes ou os habitantes de algum bairro de lata. No prólogo e no epílogo repetem as mesmas frases («O que achas? Está dura, não é? Como ontem. Aí vai mais um»).* O que está dura? A vida ou a chuva que cai? Aí vai mais um para onde? Para o trabalho, para a cadeia, para casa?”. A recusa de Paul Leduc de dar a esta dupla um ar de “profetas” desligados da realidade mostrada pelo filme sublinha a sua vontade mostrar sem dramatizar artificialmente, ao passo que a repetição do diálogo que têm, exatamente no mesmo espaço e diante da mesma chuva, cria uma moldura formal para o filme, diexando-lhe também um travo irónico, desabusado.

Antonio Rodrigues